

EPISTEMOLOGIAS GEOLITERÁRIAS:

teoria e método, empiria e experiência

EPISTEMOLOGIES GEOLITERARIES:

theory and method, the empiric and experience

EPISTEMOLOGÍAS GEOLITERARIAS:

la teoría y el método, lo empírico y la experiencia

Júlio César Suzuki

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Rita de Cássia Marques Lima de Castro

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

O encontro entre Geografia, Literatura e Arte já produziu debates extremamente profícuos, inclusive permeados pela História e pela Filosofia, o que permite que haja, cada vez mais, o incentivo à compreensão da diversidade epistemológica que permeia as análises geoarteliterárias, foco principal das discussões geoartísticas, com foco nos planos teórico e metodológico, em que a empiria e a experiência das múltiplas formas de expressão possam ser apreendidas e compreendidas.

Com uma tradição de articulação principal entre Geografia e Literatura, é chegado o tempo de fortalecimento dos laços com a Arte, em que o aprofundamento no campo artístico tem como possibilidade a imersão e a aproximação do fazer arte, como prática, sentido, cotidiano e significações. Mais que pensar em renovação, é possível ir além, com a proposição ou a atenção ativa e participativa às novas tendências da geoarte.

Há novas perspectivas de aprofundamento, estudos e experiências às epistemologias geoliterárias. E, para além do literário, a arte sobressai-se em relevo, importância, mote horizonte ao qual, de início, a linguagem escrita possuiu o seu papel protagonista. O imagético da fotografia e da sétima arte ganham o seu espaço, propostas

e desenvolvimento. O teatro e a música, de igual modo, fornecem campos de exploração para expressões artísticas, visualizadas e analisadas como parte do escopo teórico e metodológico da geoarte.

A indissociável ligação entre a teoria e empiria envolve-se a searas temáticas da dança e aberturas de diálogo com a nona arte, proposições ontológicas para a geoarte e geoliteratura. Educação e ambiente, o falar ininterrupto e auscultar atento, a permanência da Literatura e o imaginário do viver no campo e na cidade, o histórico e o memorial na composição do sujeito e suas significações, identidades e diferenças; as epistemologias geoarteliterárias se avolumam, aquilatando o debate entre arte e ciência, a Literatura e as demais formas de criação e de exposição do ato artístico.

Em *Se a Rua do Ouvidor falasse... os entrecruzamentos da Geografia com a Literatura*, Adriana Carvalho Silva realiza o convite ao flunar cidadão poético da percepção e experiência única e irrepetível. Lugar e Paisagem tornam-se prenhes de um sentido da vivência que transborda em seu inacabamento de significações, assim como elevam-se em complexidade epistemológica na transposição de sua importância no pensamento geográfico para sua operacionalização didática e pedagogicamente direcionados à Educação Básica. Empiria e experiência (com)formam os substratos da vivência cidadina por meio de crônicas machadianas em mediação com o romance *Memórias da Rua do Ouvidor*, de Joaquim Manoel de Macedo, nos diálogos com estudantes do Ensino Médio. O literário e o geográfico unem-se para se chegar à perscrutação dos estares geoliterários entre o expresso no discurso das obras e o vivido como experiência urbana.

O recurso comparativo da vivência cotidiana o deambular cidadão é o mote principal do texto *Entre a Baixa e o Chiado (Lisboa) e a rua do Ouvidor (Rio de Janeiro): patrimônios também literários* de Maria Mota Almeida. A autora nos convida a ir por sua vivência e experiência ao conhecer dos estares em duas cidades, países e localidades diferentes. A arte literária emerge, portanto, como meio e forma de expressão de cada detalhe, particularidade, sensação, percepção e singularidade do ambiente urbano carioca e lisboeta, por diferentes obras, autores, eu-lírico, versos e tramas romanescas. A geoliteratura, os patrimônios e o cotidiano em pulsar de significação ininterruptos desafiam, no exercício efetuado pela autora, a buscar maneiras de expressar ou encontrar suas riquezas na arte literária.

As epistemologias geoliterárias precisam acompanhar o frenesi contemporâneo, em seu fugidivo e metamórfico estado de constante transformação. A juventude e o ciberespaço são elementos que são utilizados e trabalhados por Johnathan Pereira Alves Diniz em seu artigo *O imaginário e a cidade de Goiânia: percepções das práticas culturais na metrópole virtual*. O imaginário espacial dos habitantes jovens da cidade são o foco do autor, de maneira que se faça o esforço teórico e analítico de convergir as bases epistemológicas já existentes da cultura e urbano da ciência geográfica para novas formas do habitar e de sociabilidade na metrópole contemporânea.

No texto *Contribuições da arte e da literatura na construção do conhecimento geográfico no ensino fundamental*, de Douglas de Paula Flora, Karla Conceição da Rocha Antonio e Matheus Lima de Andrade, o didático-pedagógico une-se ao geoliterário, tendo como horizonte o ensino e aprendizagens na Educação Básica. Os autores oferecem aos leitores da revista Geoliterart a possibilidade de colocar, em um mesmo plano, teorias, categorias e conceitos da Geografia no Ensino Fundamental por meio da arte literária. Estratégias didático-pedagógicas nos primeiros anos do percurso escolar são essenciais para que as pontes do interdisciplinar de uma perspectiva geoliterária dos saberes e fazeres se torne possível desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, como possibilidades práticas e concretas de aprendizagens aos estudantes dessa etapa da Educação Básica.

Cidade e corpo, sentido e experiência, o transitório e o devir, essas são algumas das diretrizes teórico-discursivas encontradas em *Rotas convergentes: a metrópole e o corpo em trânsito* de Luan Henrique Fogolari e Claudionei Lucimar Gengnagel. As culturas urbanas, imbricadas e entrelaçadas entre si, são o foco dos autores em seu texto que também incorpora em seu desenvolvimento a maneira pela qual o homogêneo choca-se contra o móvel e o diferencial, especialmente no que diz respeito aos habitantes da metrópole contemporânea, pulsante em sua mutabilidade de habitação e sentido, pelo concreto e simbólico de corpos, estruturas e discursos.

Michelle Cristina Alves Silva aborda o teatro e o atual momento de guinada dos governos neofascistas em seu artigo *Autoritarismo, neofascismo, a cultura e as artes: fazer teatro nas democracias em crise*. Há duas perspectivas de leitura apresentadas pela autora em sua análise, a primeira delas diz respeito ao significado da expressão artística teatral como importante meio de produção e circulação da arte em nossa

sociedade, havendo, para tanto, de um modo, a necessidade como importância de diversidade nas visões e formas de representação e apresentação, o que acaba não ocorrendo em meio a diferentes recursos e dispositivos de ação por parte de governos autoritários e neofascistas; também há, do outro modo, a discussão de como a arte teatral possui um longo e profícuo protagonismo na apresentação e promoção do debate sobre as contradições da política e da sociedade que, novamente, reincidentemente, sofre ações de contestações, censuras e ataques por agentes públicos de governos autoritários.

Em seu artigo *La visión del Otro: las representaciones del "yo" afroargentino en el siglo XIX*, Andressa Bastos Paz realiza um profundo debate sobre o genocídio discursivo na composição das bases do imaginário que viriam a compor a identidade nacional argentina, ao menos em referência à história oficial do país. A autora faz o convite à realização da releitura da eleição do que será ou não admitido como aporte ou símbolo da constituição canônica do ideário do ser argentino e, mais especificamente, como os afroargentinos em sua *otredad* estão representados ou são apartados nesse processo.

Indo ao encontro das buscas para além da relação entre Geografia e Literatura, Wangles da Silva propõe uma expansão temática do artístico, literário e geográfico. No texto *Museus e Diversidade - Uma reflexão da hospitalidade ao público LGBTI em instituições museais*, o autor expõe elementos discursivos, simbólicos, cotidianos, perceptivos, representativos e interpretativos sobre algumas das maneiras pelas quais o público LGBTI está ou é apresentado nos museus, havendo a presença de dimensões do artístico, histórico, social e cultural nessa transposição do vivido e real ao mimético e eleito para representação e apresentação nos museus.

Em *Agricultura, natureza e imigração: uma leitura da obra Canaã, de Graça Aranha*, Márcio Bobik Braga e Alexandre Ganan de Brites Figueiredo reforçam a abertura e caminhar a novas possibilidades de olhar para as epistemologias geoliterárias. Por meio da obra de Graça Aranha, encontra-se um percurso de aproximação entre o histórico, o social, o cultural e o econômico com o poderio de representação ou síntese desses elementos em obras literárias, fazendo com que seja possível a utilização de tal recurso de perscrutação geoliterária como forma de melhor compreendermos períodos históricos e realidades socioculturais e geográficas específicas a partir da Literatura.

Experiências, significados e culturas são os pilares do texto *O sentido do lugar geográfico: experiências e vivências dos personagens de Beira Rio Beira Vida (1965)*, de Francisco De Assis Almeida Brasil, escrito por Tiago Caminha de Lima e Bartira Araújo da Silva Viana. As bases teórico-metodológicas e analítico-conceituais da Geografia Cultural são utilizadas para a realização da ponte entre Geografia, Literatura e Arte, com o esforço dialógico e de partilha entre as diferentes visões, interpretações e representações possíveis que vão do geográfico às experiências e vivências de personagens expressas pela Arte e Literatura.

Duas contribuições na seção de expressões geoarteliterárias fazem parte desse número da revista. Inicialmente, há o desafio de como contemplar ou captar o silêncio. Como cartografar a quietude externa e interna, em auscultação atenta e precisa, quase despercebida e não mais presente em sua ausência? Esse é o exercício geoartístico de Cleber Alexsander em sua contribuição intitulada *O deslocamento do olhar: Uma cartografia do silêncio*.

Em *A janela e os olhos*, de Valéria Cristina Pereira da Silva, há o convite a um percurso geoliterário, imagético e de experiência de estares por cidades da Itália, Brasil e França. A geopoética da autora completa-se e transborda-se no laço entre a base teórica e epistemológica da sua formação com o permitir-se o sentir fenomênico de si pelas janelas como objetos em epifania ao mundo em abertura ôntica às cores, às flores, aos sentimentos e às memórias; o dentro e o fora na tessitura ontológica existente no (in) finito de cada significação das janelas como perpassar de cada ser, do outro e do mundo.

Na seção de resenhas, Nicole Scassiotta Neves, em *Geografia e arte: uma discussão necessária*, analisa o livro *Espaço, Sujeito e Existência: diálogos geográficos das artes*, organizado por Júlio César Suzuki, professor de Geografia na USP, Everaldo Batista da Costa, professor de Geografia da UNB, e por Eduardo Baider Stefani, especialista em políticas públicas e mestre em Geografia pela USP.

Nos debates reunidos neste número, encontra-se a união entre teoria, método, empiria e experiência como o norte ao qual discussões e contribuições geoarteliterárias caminham epistemologicamente em possibilidades de análise, diálogo e aprofundamentos. Assim, convidamos a todos e a todas para que aproveitem as leituras dos manuscritos que compõem o presente número da Geoliterart, seguindo a premissa

epistemológica da geoarteliteratura e geopoética, com um porvir em efusão de possibilidades do olhar criativo da arte com e em meio a diferentes bases de estudo, análise e pesquisas para além da Geografia e da Literatura.

Recebido em 28/04/2021.

Aceito em 28/04/2021.

Publicado em 30/04//2021.